

Odete Pacheco, a desbravadora do rádio alagoano¹

José Wagner RIBEIRO²

Ricardo José Oliveira FERRO³

Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, AL

Resumo

Este artigo oferece uma averiguação histórica, descritiva e analítica da vida da radialista Odete Pacheco – a única mulher a integrar o quadro inicial de locutoras da primeira rádio oficial do Estado – a Rádio Difusora de Alagoas – e tem como base uma revisão bibliográfica e depoimentos de personagens que vivenciaram um pouco da vida da *speaker* que tinha uma alegria contagiante; a referida elaboração nasceu a partir da descoberta da escassez de informações, em terras caetés, referentes à vida da precursora do rádio alagoano e está concebida mediante o âmbito do resultado dos atos desenvolvidos pelo Projeto Pensacom-Brasil, vinculado à Cátedra UNESCO/Methodista, que é conduzido pelo professor José Marques de Melo.

Palavras-chave: rádio; precursora; desbravadora; comunicação.

O trajeto de Odete Pacheco de Albuquerque teve início em 21 de março de 1926, na cidade de Passo de Camaragibe, localizada na região Norte de Alagoas, municipalidade que também é berço natal do ensaísta, filólogo e lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Ela era filha de Manoel Amâncio de Albuquerque e Licínia Pacheco de Albuquerque.

Em Maceió, a moça estudou no Instituto de Educação, na Rua Barão de Alagoas; no Colégio de São José, na Rua da Floresta, hoje situado na Rua Fernandes de Barros, 161, no Centro de Maceió; e na Escola Profissional Princesa Isabel, na Rua Melo Moraes.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor Associado III do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: josewagnerribeiro@bol.com.br.

³ Especialista em Processos Midiáticos e Novas Formas de Sociabilidade pela Ufal (2008), graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (2004), pesquisador assistente da Cátedra/UNESCO Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional desenvolvendo atividades no projeto PENSACOM/BRASIL (Pensamento Comunicacional Brasileiro), membro da Comissão Estadual de Jornalistas em Assessoria de Imprensa de Alagoas (Cejai/AL), professor da Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas (ETA/Ufal) no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego do Ministério da Educação (PRONATEC) e técnico em audiovisual da Unidade de Ensino de Penedo/Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). E-mails: ricardomoresi@gmail.com ou ricardomoresi@hotmail.com.

Segundo Alencar (2007, p.182), em todas estas instituições de ensino que Odete estudou só estudavam mulheres. Ele destaca ainda que o Colégio de São José era particular, administrado por freiras, que impunham rigorosa disciplina e proteção às adolescentes alunas.

Odete Pacheco⁴, antes de se tornar precursora do rádio alagoano, escreveu para Revista Mocidade – uma publicação dedicada à mocidade estudiosa – ela era uma das integrantes da direção auxiliar do periódico. A referida publicação também conhecida como o Mensário dos Moços de Alagoas tinha assinatura anual no valor de Cr\$ 30,00 e o número avulso custava Cr\$ 2,50.

MOCIDADE

MENSÁRIO DOS MOÇOS DE ALAGOAS

Diretor — J. Silveira
 Secretário — José de Sousa Alencar
 Suplente — Paulo de Sousa Lima

DIREÇÃO AUXILIAR

Maria Teonice de Barros	Cláudio Randolfo de Lima
Walter Chagas	Manfredo Perdigão do Carmo
Gustavo Pereira Leite	Odete Pacheco de Albuquerque

<p>REPRESENTANTES NOS COLÉGIOS:</p> <p>Colégio Diocesano — Edmo de Abreu Mendes</p> <p>Colégio Estadual de Alagoas — Valdemir Lisboa</p> <p>Colégio Estadual Moreira e Silva — Georgette Barros</p> <p>Colégio Batista Alagoano — Aylton Potiguara</p> <p>Ginásio Imaculada Conceição — Ivonete Castro de Almeida</p> <p>Ginásio São José — Erielde Bezerra de Barros</p> <p>Colégio Guido de Fontgalland — Paulo de Barros Lyra</p>	<p>CORPO REDATORIAL:</p> <p>Maria de Lourdes Florêncio</p> <p>Creusa Chaves...</p> <p>Domingos Sávio Brandão Lima</p> <p>Fernando Moreira</p> <p>Edmo de Abreu Mendes</p> <p>Jorge Pacheco</p> <p>Oscar Sampaio Visgueiro</p> <p>Edson Falcão</p> <p>José Brito Mata, rep. no Rio de Janeiro</p>
--	---

Assinatura anual . . . Cr\$ 30,00
 Número avulso . . . Cr\$ 2,50

Colégio Guido de Fontgalland

Rua Dr. José Bento Junior, 56 – Fone 339 – Maceió-Alagoas

Reconhecido pelo Governo Federal, sob o regime de inspeção permanente, pelo Decreto n. 12.291, de 11 de maio de 1943.

Autorizado a funcionar como Colégio, com os Cursos clássico e científico, pelo Decreto n. 15.276, de 4 de abril de 1944.

O Colégio mantém internato limitado e selecionado.
 Curso ginásial e colégial noturno e diurno.

Corpo docente idoneo e especializado, formado de elementos de valor no magistério alagoano.

A Direção do Colégio está em constante comunicação com os pais, com respeito às irregularidades de assiduidade e procedimento dos alunos.

Maximo interesse pelo aproveitamento e disciplina.

DIREÇÃO DOS CONEGOS
Luiz Barbosa e Teófanos de Barros

⁴ Informações disponíveis no endereço eletrônico da biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761648&pasta=ano%20194&pesq=Odete%20Pacheco>. Acesso em 09/07/2016.

Na década de 1940 – mais precisamente em 1946, na edição nº 5 da Revista Mocidade, ela escreveu a crônica “Pai João”⁵, onde fez um relato sobre o africano forte e destemido, que era trazido para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Outros textos dela na revista foram “Desperta, Brasil”⁶ (março-abril de 1947) e “O Samba Não Morre”⁷, (maio de 1947).



⁵ Informações disponíveis no endereço eletrônico da biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761648&PagFis=219&Pesq=Odet%20Pacheco>. Acesso em 09/07/2016.

⁶ Informações disponíveis no endereço eletrônico da biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761648&PagFis=219&Pesq=Odet%20Pacheco>. Acesso em 09/07/2016.

⁷ Informações disponíveis no endereço eletrônico da biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761648&PagFis=219&Pesq=Odet%20Pacheco>. Acesso em 09/07/2016.

DESPERTA, BRASIL

ODETE PACHECO DE ALBUQUERQUE

As águas revoltas da cachoeira de Paulo Afonso num esforço desperado, ainda não conseguiram te erguer deste "berço esplendido" que se estende Amazonas até o Rio Grande do Sul. Continúas adormecido e imóvel sob um caramanchão que "nossos bosques" improvisaram. O São Francisco já rugiu feróz e agressivo, enraivecido diante da inércia que te domina, mas tua atitude é de indiferença; o Atlântico impaciente quebra suas ondas com fúria nas tuas costas, mas és surdo e ficas inconciente aos lamentos unissonos daqueles que se vêm perdidos. O canto de tua gente é melancólico, o riso de teu povo, tristonho e inexpressivo; as faces contraídas denotam miséria e infelicidade. Já é tempo de escutares o choro dos órfãos com fome e sem abrigo; o grito da mocidade pedindo educação; a voz lenta e implorativa do sertanejo quando em noites de lua dedilha sua viola à sombra das mangueiras; a queixa do boiadeiro sulista; o soluço do nordestino quando o sol inclemente queima os pastos, seca os riachos e mata as roças, e enfim, os gemidos de um povo agonizante que teima em batalhar contra as vicissitudes do tempo e a ingratição dos homens.

Já é tempo sim, Brasil, de arregalares os olhos, levantares os braços,

abriras a boca e veres então que este teu sono foi prejudicial e que não é um pesadelo terrível o que encontras de máu e de desorganizado. É a realidade, é a verdade com toda as suas letras e com todas as suas durêsas. Não serão um sonho as dôres e a fome que teus filhos sofrem; não será uma quimera o de que tua juventude precisa. Sofrerás, é certo, mas tua culpa é clara e não é necessario um promotor público para te mandar ao cárcere com uma sentença somente porque dormiste demais e esqueceste tua terra e tua gente.

Acorda, Brasil, tua musica agonisa, teu povo contemplando o desfilar uma sequência de nações alegres, não tem animo de segui-las, impossibilitado, talvez, pelas forças escassas e pelo medo de se ombrear com uma raça mais protegida e mais alimentada. São decadências que não podem continuar pois ainda estamos ouvindo o troar dos canhões em Monte Castelo e vemos no rosto dos nossos patriocios uma coragem indômita, embora sua têz esteja descorada e seu sorriso, triste.

Acorda, Brasil, antes que seja demasiadamente tarde; espalha com justiça tua voz varonil por todas estas plagas; ampara em teus gigantescos braços o pobre que não tem lar; prende em teu coração a geração hodierna com simpatia pois ela é bôa; acaricia com tuas mãos largas e fortes, a cabeça do jovem inteligente que deseja estudar dando-lhe oportunidade; prende em teu peito largo todos os teus filhos valorosos e capazes. Não desprezes o preto por causa de sua epiderme, não desamparês o caboclo de lábios grossos pois ele é teu filho, não critiques a letra de teus sambas simples e sem afetação gramatical, pois

BAZAR DO POVO

- DE -

Mario Bastos & Irmãos

Especialista em Miudezas, Armarinhos, Meias, Gravatas, Pertumarias, Bijouterias, Tenis, Brinquedos, etc.

Avenida Moreira Lima, 192

MACEIÓ - ALAGOAS

PUBLICAÇÕES

Recebemos um número da ótima revista quinzenal "VIDA CAPICHA-BA", que se edita em Vitória — Espírito Santo. Há nesse órgão de imprensa, além de perfeitas apresentações sobre rádio, cinema, poesias, contos e atualidades, uma bem orientada seção charadística sob o título "Páginas Charadísticas".

A direção de "Páginas Charadísticas" está confiada aos hábeis e inteligentes edipistas ELVES e FONE, associados do "Grêmio Charadístico Orlando Rego".

Aos distintos confrades ELVES e FONE, o nosso melhor agradecimento pela gentil oferta.

CORRESPONDÊNCIA

JAMIL IBN JAMIL — Jacobina (BA) — "Recreio Instrutivo" congratula-se com a sua recate e justa no-

meação para o Banco do Brasil, agência de Jacobina, próspero município baiano. Já foram feitas, aqui, as modificações que concernem à mudança de enderêço. Daí da Baía, não se esqueça de "Recreio Instrutivo"; continue a enviar suas colaborações. Que a distância não faça silenciar tão brilhante charadista. Felicidades, muitas felicidades, no seu novo afã, *Jamil Ibn Jamil*.

CID ADÃO — Maceió (AL) — Recebidas as colaborações. Como sempre, ótimas.

ACOBAR

RETIFICAÇÕES

Concurso V — n.º 1 — Ano 2
 março—abril/947

Na charada novíssima n.º 13, a palavra "faro" é grifada.

Na novíssima n.º 14, a expressão "vê-lo" não leva grifo.

ACOBAR

O Samba Não Morre

Para a revista MOCIDADE.

Odete Pacheco de ALBUQUERQUE

Não faltam pessimistas, que anunciem a morte próxima e inevitável do nosso samba, que embora não tenha nascido no Brasil, recebeu aqui o adubo necessário para o seu desenvolvimento. Espalhou-se pelo mundo afóra como sendo a música característica brasileira, pisou os "night-clubs" luxuosos e ruidosos de New-York, visitou os casinos de Buenos Aires, implantou-se em toda a America e foi começando a galgar a escada da fama, com entusiasmo e animação. Esta música, no entanto, não pôde ser vitoriosa e nem ser admitida em países educados murmuram os seus inimigos. É do Brasil, tem os resquícios das melodias dolentes dos negros

e isto basta para que ela seja lançada no esquecimento e na decadência.

Mas o samba não morre, porque enquanto houver este sentimento patriótico que domina os corações, ele se erguerá no seio de sua gente, acalantarà o filho brasileiro, amenizarà as dores dos apaixonados, permanecerà nos lábios do nosso homem do povo ou na boca dos boêmios errantes das madrugadas, como sendo o lamento tristonho de uma gente sofredora e sem sorte. O samba possui as cores da bandeira nacional, tem um pouco da cadência dos escravos africanos, apresenta o ritmo dos tambores dos índios tupis e vive impregnado da malícia que o português nos deixou. É

A Revista Mocidade, Ano III, Número 12, de março de 1948, trouxe um comentário sobre a atuação de Odete Pacheco e Alcides Teixeira na locução do programa Hora dos

Calouros, no auditório do Colégio Guido de Fontgalland. Como a Rádio Difusora de Alagoas só foi inaugurada no dia 16 de setembro deste mesmo ano é provável que este tenha sido um dos seus primeiros afazeres como radialista.

uma resignada vítima, mas impunha ao marido, tanto quanto possível, um regime monogamo.

Há, nas Alagoas, um traço comum entre o amor nos centros urbanos e nos meios rurais. É a insubmissão da mulher quando se lhe contrariavam as inclinações amorosas.

O rapto é um fenômeno social muito constante na história do amor em nossa província e poderia fornecer subsídios para o entreccho de ótimos romances, de algumas tragédias e de muitíssimas comédias.

Em Minas Gerais, pude observar que, quando os pais se opõem ao casamento, a mulher tem dois caminhos a seguir: renunciar ao noivo que escolheu ou esperar a maioria para a realização das núpcias.

Já nas Alagoas se há oposição, o namorado rapta a amada. As vezes rapta também para poupar despesas ao futuro sogro. Antigamente, quando os cavaleiros andantes andavam a cavalo, o rapto se processava com um certo aparato e com uma cavallhada dentro da noite. Hoje, que eles andam a pé ou de automóvel, o rapto é menos romântico, porém muito mais veloz.

O rapto fez surgir uma figura interessante: a do depositário, do chefe de família a quem se entrega a moça. Há um código de honra que rege a conduta deste sogro de empréstimo. Ele se incumbiu de realizar o casamento e reage se a família da raptada lhe vai no encalço.

Ao que estou seguramente informado, atualmente, o moço alagoano deixou de raptar as trêmulas donzelas. Estas é que, numa evolução muito elogiável, se transportam, com armas e bagagens, para a casa dos seus amados. E ainda fazem todas as despesas da viagem e as do casamento quando a história finda mesmo em casamento...

HORA DOS CALOUROS

Alcançou grande êxito a estréia de domingo 4 último a Hora dos Calouros, que são realizadas todos os domingos no

Auditório do Colégio Guido de Fontgalland, sob a direção artística de Abelardo de Barros, criando assim uma nova temporada para o ano de 1948. Destacaram-se vários artistas do nosso cast, como também talentos que não são nossos.

Atuaram como locutores Alcides Teixeira e Odete Pacheco que gentilmente prestaram seus serviços ao nosso Retalho Musical. Ao Alcides e Odete os nossos mais sinceros agradecimentos. O desfile dos calouros apesar de ser em número reduzido deixaram entre nós uma boa impressão. Entre os cantores destacaram-se, Sadí Brandão, José Maria, Newton Castro, Milionários do Riso, Gerardo Fortes, Os irmãos gêmeos da Voz.

"Semana Santa"

Há semanas atrás imperava Reimomo. O povo com a fisionomia alterada pelo álcool, pela música, pelo passo desenfreado, chegava às raias da loucura. Por toda parte música, flôres, luzes, cores berrantes, alegria...

Chega a Semana Santa.

Nas fisionomias lê-se o recolhimento, a contrição e as vezes até tristeza.

Jejuia-se. Não se canta. Desaparecem as flores, os altares ficam desguarnecidos de ornamentos, envolvem-se as imagens com pano rôxo. Um véu de melancolia insinua-se por toda a parte. Há silêncio nas ruas e nas casas. Enchem-se as igrejas. O incenso sobe para o céu levando com o seu perfume as lágrimas de arrependimento, o ardor das súplicas, o calor das orações fervorosas. Rememora-se uma tragédia em todos os seus detalhes, uma crueldade, uma injustiça: a crucificação — o mais desumano dos sofrimentos — o sacrificio doloroso e humilhante a que se entregou Nosso Senhor para remir o homem de suas faltas. Sexta-feira Santa... E os homens se regosijaram, assistindo, cheios de curiosidade mórbida, sedentos de sangue alheio, a tragédia desenrolada naquela tarde trágica.

Acompanhando a procissão de N. S.

Ferro e Ramires sustentam que a Rádio Difusora de Alagoas é precursora do rádio alagoano; hoje ela é integrante do Instituto Zumbi dos Palmares (IZP) – complexo de comunicação formado pela TV Educativa de Alagoas (TVE), as Rádios Educativa FM em Maceió, Arapiraca e Porto Calvo; Rádio Difusora AM, também na capital, e congrega ainda o Espaço Cultural Linda Mascarenhas (teatro e galeria). Os pesquisadores citam que:

A emissora tem sido testemunha dos principais fatos históricos de Alagoas, do Brasil e do mundo. Pelos seus microfones já passaram importantes jornalistas, locutores e artistas, que marcaram gerações. A emissora funciona durante 24 horas e oferece uma programação variada, que engloba música, jornalismo e cobertura esportiva – com destaque para o futebol, considerado o carro-chefe da emissora. Há expressiva participação popular dos ouvintes através de telefonemas. No jornalismo, destacam-se os programas Espaço Livre e o Difusora Agora. A rádio foi pioneira nas transmissões de radionovelas, programas de auditório, veiculação de programas esportivos e por dar espaço à mulher no rádio. Em princípio, atendia a todas as classes. Agora, o foco são as classes C, D e E. Seu principal produto é o futebol. (FERRO e RAMIRES, 2011, p.291).

Alencar (2007, p.182) narra que Odete Pacheco foi do elenco inicial da Rádio Difusora de Alagoas, inaugurada em 16 de setembro de 1948. Segundo ele, como a única mulher do quadro de locutores, ao lado de Jorge Sá, Castro Filho, Jesualdo Ribeiro, Osvaldo Braga, Correia de Oliveira, Alcides Teixeira e Ernande Cavalcante.



Odete Pacheco
Acervo de Elma Leite
sobrinha de Odete.

Quando a rádio foi implantada para o período de testes Odete Pacheco já estava contratada para a emissora oficial de Alagoas e, logo em seguida, o seu trabalho começou a ser reconhecido pelo grande público e chegou a atingir outros estados.

Pouco mais de um ano depois da inauguração da Rádio Difusora de Alagoas, em outubro de 1949, o jornal A Ordem, de Natal (RN), divulgou uma nota em que Odete

Pacheco agradecia aos elogios publicados naquele tabloide pelo cônego José Adelino, um renomado intelectual potiguar, que aplaudiu os programas “Casamento na Roça” e “Programa Infantil“, este último apresentado por ela.

Atuando na Rádio Difusora de Alagoas, Odete apresentou os programas de estúdio “Presença do Passado”, “Cantinho da Saudade” e “Onde Canta o Sabiá”. Além da locução nos estúdios e os programas de auditório, ela também participou de radionovelas. Em 1950, estava entre os radioatores de “Milagre de Amor“, de Hélio Soveral. O elenco era formado por Aldemar Paiva, Ezequias Alves, Florêncio Teixeira, Jair Amaral, Arsênio Cavalcante, Haroldo Miranda, Sinay Mesquita, Vilma Campos, Vera Lúcia, Zezé de Almeida e Marlene Silva.

Para Rosa e Silva e Bomfim (2007, p.339) Odete era uma figura controversa e emblemática, foi uma das fundadoras da Rádio Difusora de Alagoas, admitida em 1948, em uma época em que era muito difícil a presença feminina no mundo da radiodifusão. Elas acrescentam que:

Nessa emissora, liderou vários programas de auditório, sempre marcados pela irreverência de sua personalidade, o seu jeito descontraído e meio eschachado de conduzir os calouros que se apresentavam em seus programas de muita audiência. Entre esse programas destacam-se: Cantinho da Saudade e Onde Canta o Sabiá.

A radialista Odete Pacheco foi tida como comunista sem nunca ter nenhuma conexão com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), sofreu perseguição e se transferiu para a capital pernambucana, Recife. Logo no início da década de 1950 foi trabalhar na Rádio Clube de Pernambuco, onde comandou o programa “Só para mulheres”⁸.

Rosa e Silva e Bomfim (2007, p.339) descrevem que Odete, por motivos políticos, transferiu-se para o estado vizinho onde continuou sua carreira na Rádio Clube de Pernambuco.

Alguns anos depois, Odete voltou a Alagoas, regressou à Rádio Difusora e depois trabalhou na Rádio Progresso. Foi a primeira mulher em Alagoas a fazer cobertura jornalística de uma partida de futebol diretamente do estádio. Apaixonada por futebol e

⁸ Informações disponíveis no endereço eletrônico <http://www.historiadealagoas.com.br/odete-pacheco-a-pioneira-do-radio-alagoano.html>. Acesso em 10/07/16.

torcedora fanática do Clube de Regatas Brasil (CRB) participava de forma fervorosa das discussões a respeito do seu time.

Rosa e Silva e Bomfim (2007, p.339) endossam que Odete, além de atuar em programas de rádio, foi também a primeira mulher, em Alagoas, a ir ao estádio para fazer a cobertura jornalística de uma partida de futebol. Segundo elas, Odete era:

Torcedora fanática do Clube de Regatas Brasil – CRB, discutia com entusiasmo e comentava a atuação do seu time em campo já que conhecia as regras de futebol, fato curioso por si só para uma época em que só cabia às mulheres o conhecimento de culinária, de costura, das atividades domésticas enfim.

Alencar (1991, p.91) evidencia que Odete Pacheco foi uma das pessoas mais importantes da história do rádio alagoano. Ele acrescenta que não apenas pelo seu talento como locutora de estúdio e de auditório, mas pelo fato de ser mulher e, em consequência, de ter enfrentado, naquela época, fortíssimos preconceitos em relação à participação feminina em atividades radiofônicas. Segundo ele:

Odete Pacheco quebrou tabus, destruiu barreiras, abriu caminhos para que outras mulheres se animassem a trabalhar em rádio. Lançou vários programas. Um deles, de auditório, no palco-auditório da Rádio Difusora de Alagoas, na Rua Pedro Monteiro, foi um sucesso junto ao público. Sua morte foi muito sentida pela imensa quantidade de admiradores que foram velar o seu corpo em câmara ardente no prédio da Rádio Difusora, na Praça dos Martírios. Odete criou estilo e escola de rádio em Maceió.

Ao retornar para Alagoas Odete trabalhou também na Rádio Progresso de Alagoas, sua segunda emissora de rádio em terras caetés, e lá há um fato relatado por Alencar (2007, p. 183) que merece destaque. Ele narra o seguinte:

Um fato que bem demonstra o profissionalismo de Odete era o de superar grandes dificuldades para apresentar todos os dias o seu programa que começava às seis da manhã. O estúdio da Rádio Progresso ficava no 6º andar do edifício Ari Pitombo, na Praça dos Palmares, Centro de Maceió, e o elevador do prédio sempre estava quebrado. E Odete, gorda, 105 quilos de alegria contagiante, chegava às 4 da manhã e ia subindo, andar por andar, até alcançar o estúdio. Parava em cada andar, sentava no chão, nos degraus, descansava e prosseguia a subida até alcançar o estúdio.

Em meados de 1972, mais precisamente no mês de junho, após um mal-estar, foi internada na Santa Casa de Maceió onde faleceu uma semana depois. Teve seu corpo velado no saguão principal da Rádio Difusora de Alagoas, à época localizada na Praça dos

Martírios, e, em seguida, transportado à sua cidade natal para ser sepultado por parentes, conhecidos, admiradores e fãs.

Considerações finais

A radialista Odete Pacheco desbravou um cenário, um espaço, uma seara repleta de preconceitos contra radialistas e artistas, uma vez que ela era uma mulher de classe média, solteira, locutora de rádio e animadora de pastoril.

Ela, sem dúvidas, foi fundamental para forjar o atual cenário da comunicação alagoana onde as mulheres têm mais possibilidades de atuação. Graças à capacidade de animadora, inerente à Odete, as tardes de domingo de Maceió, naquela época de sua atuação, tinham o auditório da Rádio Difusora de Alagoas lotado em virtude da distribuição de prêmios, dos concursos de calouros e dos shows promovidos com artistas locais e, também, os convidados.

Pelas poucas informações encontradas em relação à Odete Pacheco, a mesma não recebeu nenhum tipo de homenagem em vida. Nem a primeira emissora onde ela iniciou suas atividades de radialista possui informações pormenorizadas ao seu respeito.

Aqui na capital alagoana, Maceió, existe uma via foi denominada Rua Odete Pacheco. A referida avenida fica localizada atrás do Centro Universitário Cesmac da Rua Cônego Machado. É a antiga Rua da Harmonia.

No início dos anos 2000, mais precisamente em 2003, a Eventur's, empresa dirigida por Marcos Assunção, criou o Prêmio Odete Pacheco no intuito de homenagear radialistas que se destacam em Alagoas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cláudio. **Contando histórias**. Maceió, Sergasa, 1991.

ALENCAR, Cláudio. **Antes que eu me esqueça & outras histórias do rádio**. Maceió: Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, 2007.

FERRO, RICARDO J. O. & RAMIRES, Lúcia Maria Marinho da Pureza. Panorama do Rádio em Maceió. In: Nair Prata. (Org.). **Panorama do Rádio no Brasil**. 1ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2011, v. 01, p. 285-301.

ROSA e SILVA, Enaura Quixabeira; BOMFIM, E. A.. **Dicionário Mulheres de Alagoas - ontem e hoje**. Maceió: EDUFAL, 2007. v. 1, 456p.